

CONCEPÇÃO DE PROFISSIONAIS DE UNIDADES DE ACOGHIMENTO SOBRE A MATERNIDADE EM ADOLESCENTES ABRIGADAS

DESIGN PROFESSIONAL UNITS ON MATERNITY HOME OF TEENS SHELTERED

CONCEPCIÓN DE PROFESIONALES DE UNIDADES DE ACOGHIMIENTO ACERCA DE LA MATERNIDAD EN ADOLESCENTES REFUGIADAS EN ABRIGO

Lúcia Helena Garcia Penna¹, Ravini dos Santos Fernandes², Cláudia Rosane Guedes³, Úrsula Pérsia Paulo dos Santos⁴, Gleice da Silva Fernandes⁵, Beatriz Yuan Soares⁶

Estudo descritivo-exploratório que descreve as concepções dos profissionais de abrigo sobre a maternidade da adolescente abrigada e discute a atuação desses profissionais no auxílio à construção de uma maternidade saudável nesse grupo populacional. Analisou-se o conteúdo dos depoimentos de seis profissionais que trabalham com adolescentes institucionalizadas, cuja pesquisa ocorreu no período de dezembro de 2009 a janeiro de 2010. Os profissionais concebem a maternidade nesse grupo como algo precoce e prejudicial devido à imaturidade dessas jovens mães e, também, pela interrupção dos estudos; a atuação destes profissionais alterna-se entre a re-inserção social e cuidados com a maternidade dessas adolescentes. A ação dialógica, a problematização no enfrentamento da maternidade entre estas adolescentes, bem como sobre a saúde reprodutiva, sexual e planejamento familiar são estratégias propositivas para o alcance da promoção da saúde entre adolescentes abrigadas.

Descritores: Adolescente Institucionalizado; Menores de Rua; Gravidez na Adolescência; Assistência Integral à Saúde.

This exploratory descriptive study describes the view of government shelters' professionals regarding pregnancy in institutionalized adolescents and discusses the acting of such professionals to support the construction of a healthy motherhood in this population group. In an investigation performed between December 2009 and January 2010, contents of the reports of six professionals that took care of them in the circles of Community Therapy sheltered adolescents were analyzed. According to the view of such professionals, motherhood in institutionalized adolescents is something precocious and harmful, resultant of the immaturity of those young mothers, and because of that, their schooling process has to be interrupted. The actions of these professionals alternates between social reintegration and care with the motherhood of the adolescents. The dialogical action, the "problematization" concerning motherhood, as well as reproductive, sexual health and family planning are strategies proposed to reach health promotion among sheltered adolescents.

Descriptors: Adolescent, Institutionalized; Homeless Youth; Pregnancy in Adolescence; Comprehensive Health Care.

Estudio descriptivo y exploratorio que describe las concepciones de profesionales de refugios acerca de la maternidad de adolescente refugiada en abrigo y discutir la actuación de estos en el soporte a la construcción de una maternidad saludable a este grupo. Se analizaron el contenido de las hablas de seis profesionales de un refugio que trabajan con adolescentes institucionalizadas, de diciembre de 2009 a enero de 2010. Los profesionales consideran la maternidad en este grupo como precoz y nociva debido a inmadurez de jóvenes madres y por la interrupción de los estudios. La acción dialógica, la problematización en el enfrentarse la maternidad entre las adolescentes y en la salud reproductiva, sexual y planificación familiar son estrategias que contribuyan para el alcance de la promoción de la salud de adolescentes refugiadas en abrigos.

Descritores: Adolescente Institucionalizado; Jóvenes Sin Hogar; Embarazo en Adolescência; Atención Integral de Salud.

¹Doutora em Ciências da Saúde. Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: luciapenna@terra.com.br

²Mestranda em Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: ravini_uerj@hotmail.com.

³Mestranda em Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: guedesclaudia@oi.com.br

⁴Enfermeira da Marinha do Brasil, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: persia_santos@hotmail.com.

⁵Acadêmica bolsista da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: gleicefernandesrj@gmail.com

⁶Acadêmica bolsista da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: beatrizys@gmail.com

INTRODUÇÃO

A adolescência é decisiva na formação da personalidade do indivíduo. Constitui um período de transição entre a infância e a idade adulta, que é caracterizado por inúmeras transformações físicas, biológicas, psicológicas e sociais. Nessa fase da vida, o indivíduo é surpreendido por intensos conflitos, voltado para a busca de sua identidade. Esse comportamento e sentimento quando associados a situações de exclusão, intensificam sua vulnerabilidade a agravos⁽¹⁾.

A problemática da infância excluída é caracterizada como uma questão antiga, principalmente, nos países em desenvolvimento como o Brasil⁽²⁾. A presença dela nas ruas torna-se reflexo de uma ordem social desigual, transformando-se, no final do século XX, em um fenômeno de grande preocupação tanto do ponto de vista quantitativo, pois cresce de maneira inquietante, como também do qualitativo, dado ao agravamento de suas condições de vida nas ruas⁽³⁾.

Para além de toda adversidade vivida, a adolescente de rua e/ou abrigada precisa enfrentar a realidade, na maioria das vezes, de maneira impulsiva e sem avaliação dos riscos: uma possível gravidez (indesejada ou não), doenças sexualmente transmissíveis e também, a possibilidade de algumas adolescentes sofrerem violência sexual devido ao contexto social em que estão inseridas.

A maternidade, ao surgir na adolescência, pode ser um elemento não só gerador de dúvidas, receios, mas também de fantasias e alegrias para a maioria das jovens mulheres. Em se tratando de adolescentes de rua, pode vir a se apresentar como uma forma intensa de violência estrutural, manifestada na falta de acesso à informação, aos serviços de saúde e à educação sexual e reprodutiva⁽⁴⁻⁵⁾. Tal fato é visível e pesquisas verificam os comportamentos sexuais de risco das jovens de rua, apontando para o crescente número de casos de gravidez precoce⁽⁶⁻⁸⁾.

A maternidade parece cumprir um papel alternativo na vida destas meninas de camadas populares. Encontram nela uma forma de serem vistas, de saírem da invisibilidade assumindo o status de mãe e de mulher, lugares socialmente reconhecidos. Também, percebem na maternidade a possibilidade de sentirem que agora possuem alguém para amá-las e não se sentirão tão sozinhas por não obterem o apoio da família⁽⁹⁾.

Estas jovens adolescentes abrigadas, que na maioria saem de casa e vivem experiências de vida pelas ruas, rompem os elos familiares ainda quando crianças. O que contribui para que isso ocorra é a violência coletiva, associada à violência intrafamiliar que estas jovens vivenciam, fazendo com que busquem na rua a sua sobrevivência⁽¹⁰⁾.

Geralmente, as adolescentes, quando encontradas na rua ou vivendo situações de risco no interior da família são identificadas através dos Conselhos Tutelares e encaminhadas pelo Ministério Público para instituições de abrigo até que a família tenha condições financeiras e psicológicas de cuidar dessa adolescente.

Essas instituições de abrigamentos têm como função prover as condições necessárias para possibilitar a reinserção familiar e comunitária das crianças e das adolescentes; favorecer o desenvolvimento da auto-estima, o resgate dos laços afetivos familiares e sociais das abrigadas; assegurar o atendimento médico terapêutico especializado à abrigada, dentre outras⁽¹¹⁾.

Os abrigos são compostos por profissionais que desempenham funções educativas, independentemente de sua especialização. Os educadores - profissionais de nível médio - assumem uma posição de referência para as adolescentes abrigadas.

Uma das responsabilidades básicas dos educadores que trabalham com as adolescentes abrigadas é manter ou resgatar os vínculos afetivos de modo a proporcionar oportunidades que levem as adolescentes a aprender e pensar com a própria

experiência e a das demais adolescentes, com vistas a resgatar a confiança em sua capacidade em enfrentar os desafios que certamente encontrarão durante o processo de reintegração.

Este grupo constituído pelos membros do abrigo - educadores, assistente social e as próprias adolescentes - é de grande importância para a constituição de um referencial para estas mães adolescentes, podendo ser considerado como um grupo familiar. Da mesma forma que os profissionais são referência, eles também contribuem na formação do vínculo da mãe adolescente abrigada e seu filho; auxiliam e orientam as novas mães abrigadas no cuidado à criança e estimulam a interação e o afeto entre esse binômio.

Ao ser considerado que a gravidez na adolescência precisa ser abordada de forma contextualizada, partindo das experiências das próprias adolescentes, de suas condições sociais, culturais e econômica, a maneira como os profissionais educam e cuidam destas jovens mães pode influenciar na relação dessas com o corpo, na percepção da maternidade e na relação mãe e filho, quando então, alguns questionamentos surgem: 1) Qual a concepção dos profissionais de abrigo sobre a maternidade em mães adolescentes abrigadas? De que maneira a concepção sobre a maternidade em mães adolescentes abrigadas influencia na atuação dos profissionais de abrigo?

No alcance a tais respostas, esta pesquisa tem como objetivos descrever as concepções dos profissionais de abrigo sobre a maternidade da adolescente abrigada; discutir a atuação dos profissionais de abrigo no auxílio à construção de uma maternidade saudável entre adolescentes abrigadas.

MÉTODO

Consiste num estudo qualitativo descritivo-exploratório, o qual melhor se coaduna ao reconhecimento de situações particulares, grupos específicos e universos simbólicos trabalhando com o

universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes⁽¹²⁾.

O cenário da pesquisa foi um dispositivo de abrigo pertencente à Secretaria Municipal de Assistência Social do Rio de Janeiro (SMAS/RJ) localizado na Zona Norte do município do Rio de Janeiro, no bairro Vila Isabel. Esse abrigo é uma casa de acolhimento que atende cerca de 80 crianças e adolescentes que se encontram em situação de risco (violência intrafamiliar, abuso sexual, moradoras de rua) e que foram encaminhadas pelo Conselho Tutelar, e distribuídos por faixa etária entre 04 e 18 anos, em seis casas e dez mães adolescentes e seus bebês alojados em uma casa com dez quartos.

A escolha desse campo emergiu por ser um abrigo que acolhe a mãe adolescente e o filho, como também a adolescente gestante. É um local de referência para esse grupo populacional, permanecendo-as na unidade de abrigo até 18 anos incompletos, e após essa idade, encaminhadas para abrigos de maiores. Essa unidade tem convênio com outras instituições que oferecem cursos profissionalizantes a estas jovens mães, proporcionando a entrada no mercado de trabalho.

Foram entrevistados profissionais do abrigo que desempenham atividades, que duram no mínimo seis meses, com as mães adolescentes abrigadas, perfazendo um total de seis profissionais, cinco educadoras sociais (ensino médio) e uma assistente social.

A coleta de dados ocorreu no período de dezembro de 2009 a janeiro de 2010 e foi utilizado um formulário com questões de identificação do sujeito e um roteiro para a realização da entrevista semi-estruturada. A análise foi feita à luz da análise de conteúdo, enfocando a técnica de análise temática, que é definida como "... a contagem de um ou vários temas, ou itens de significação, numa unidade de codificação previamente determinada"^(13:77).

A produção dos dados ocorreu por meio de uma leitura inicial dos depoimentos dos profissionais do abrigo, procurando ter uma compreensão global do material. Posteriormente, foram identificadas as unidades de significado que emergiram das falas dos entrevistados; descobertos os núcleos de sentido e feita a interpretação e discussão dos núcleos encontrados.

A partir da análise dos dados, emergiram duas categorias. A primeira categoria "A visão dos profissionais do abrigo sobre a maternidade nas adolescentes abrigadas" - expressa como a maternidade em adolescentes institucionalizadas é vista pelos profissionais que trabalham diariamente no abrigo com estas jovens mães (gravidez em adolescentes institucionalizadas). A segunda categoria "Ações dos profissionais de abrigo" - descreve as ações técnicas e educativas em saúde e para a inserção social da jovem mãe adolescente em uma unidade de abrigamento.

Esse estudo foi elaborado em acordo com as diretrizes que normatizam a pesquisa envolvendo seres humanos presentes na Resolução 196/96, tendo sido aprovado sob o nº 73A/2009 no Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal do Rio de Janeiro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Características socioculturais dos profissionais de abrigo

No que diz respeito às características sociodemográficas dos seis profissionais da instituição de abrigamento, observamos que todos eram do sexo feminino na faixa entre 28 e 42 anos - cinco cursado o ensino médio e uma o ensino superior (Assistente Social). Ao serem questionadas em relação às atividades desenvolvidas com as adolescentes abrigadas, verificamos que, apenas uma realizou curso de capacitação para trabalhar com adolescentes; duas educadoras mencionaram desenvolver suas atividades entre um e dois anos e quatro profissionais referiram trabalhar de quatro a cinco anos com adolescentes institucionalizadas.

Estas profissionais são contratadas temporariamente por uma Organização Não Governamental (ONG) vinculada à prefeitura do Rio de Janeiro. Para trabalhar na unidade de abrigamento não é exigido curso de capacitação para desempenhar suas atividades com as adolescentes. Desta forma, ao descreverem sobre a maternidade e seu trabalho diário com as adolescentes abrigadas, os mesmos são descritos a partir das vivências pessoais e profissionais com as jovens mães, no interior do abrigo. *Porque eu tenho a minha filha, a minha filha tem 19 anos, entendeu? E aí eu explico muito a ela sobre a realidade, então eu explico tudo, a questão da gravidez precoce, a questão das drogas, né... a rua, a violência e tal, entendeu? Aí eu até converso com as meninas* (adolescentes abrigadas) *o que eu oriento a minha filha* (Entrevistada 5).

As profissionais de abrigo também reconhecem a importância da capacitação e aprimoramento profissional no seu trabalho e referem a necessidade de conhecimentos específicos por ser adolescente, institucionalizadas, na maioria, jovens mães usuárias de drogas, provenientes das ruas e que apresentam história de vida de exclusão (social e familiar) requerendo destes profissionais um cuidado diferenciado. *Eu preciso de mais, a gente precisa de mais treinamento sim, mais dinâmica, mais ferramenta para a gente poder trabalhar com essa população que as vezes tem situação de risco e população de rua né, e são situações diferentes* (Entrevistada 3).

Algumas educadoras, que desenvolvem o cuidado com as adolescentes abrigadas, por vezes, recebem a oportunidade de participarem de uma capacitação. Esses cursos possuem curta duração e não permitem aos profissionais cuidadores adquirir um real entendimento da realidade social das adolescentes. Na maioria das vezes, acabam por desenvolver suas atividades a partir de seus valores e experiências permeadas de conceitos e princípios pessoais.

Apesar dessas ações não serem fundamentadas cientificamente, percebe-se que os educadores mantêm uma relação baseada no diálogo com as adolescentes, a fim de ajudá-las na construção de uma nova forma de ver e estar no mundo. Outro estudo aponta que conhecer as raízes histórico-culturais do comportamento

das adolescentes, parece ser um caminho a ser trabalhado por esses profissionais, com o objetivo de favorecer as jovens, mudanças de atitudes que promovam sua reinserção social⁽¹⁴⁾.

Entretanto, a capacitação é percebida como uma ferramenta indispensável para fortalecer discussões e reflexões com os cuidadores sobre sua prática. A sensibilização e instrumentalização dos profissionais do abrigo proporcionam uma maior compreensão da variedade cultural dos sujeitos envolvidos, tornando-os mais aptos para ajudar as adolescentes a superar adversidades e a enfrentar suas próprias questões⁽¹⁴⁾.

Essa ausência de capacitação indica uma fragilidade do conhecimento técnico científico dos cuidadores para esse trabalho. No abrigo, não há um movimento reivindicatório dos educadores para uma capacitação que embase suas ações, porém, a instrumentalização desses profissionais constituiria uma ferramenta para a compreensão da problemática social que envolve as jovens em situação de rua, facilitando-os nas suas ações cotidianas, a fim de contribuir para a transformação da realidade vivida por estas mães adolescentes⁽¹⁴⁾.

Categoria 1 - A visão dos profissionais do abrigo sobre a maternidade nas adolescentes abrigadas

A percepção das profissionais quanto à maternidade na adolescência é vista como algo precoce, e justificam essa perspectiva pela imaturidade das jovens mães em cuidar de seus filhos acarretando dificuldades sociais, psicológicas e financeiras. *Essa idade é a idade de estudar, de se preparar, fazer curso, se preparar mesmo pra vida. Acho que a idade da adolescência não é idade pra engravidar* (Entrevistada 6). *Porque a maternidade não é só a barriga crescendo, não é só colocar a criança no mundo. Tem toda uma estrutura social, econômica, familiar, que está por trás disso e que, nem sempre na fase da adolescência você já, você tem isso* (Entrevistada 4).

A maternidade na adolescente abrigada é considerada pelas profissionais do abrigo como algo prejudicial à vida destas novas mães. Ressaltam que a interrupção dos estudos e a dificuldade em retomá-los

após o nascimento da criança são problemas a serem enfrentados pelas adolescentes. Para as depoentes, a maternidade dificulta ainda mais a re-inserção social dessas adolescentes no mercado de trabalho, diminuindo as perspectivas de uma melhor qualidade de vida após a saída da unidade de abrigamento, e interferindo de forma negativa na situação econômico-financeira desta adolescente. *... elas não conseguem mais conciliar estudo, não conseguem mais conciliar... ter visão mesmo de que a vida continua, que elas podem estudar, que elas podem ter... outro tipo de vida...uma coisa melhor mesmo...de trabalhar...de ter uma vida melhor fora de um abrigo e elas não conseguem ver isso* (Entrevistada 6).

A gravidez não planejada na adolescência acarreta resultados sociais importantes, entre eles o abandono dos estudos⁽¹⁵⁾, diminuição do padrão de vida e problemas no futuro profissional, que levam a profundas alterações no projeto de vida. Na maioria das situações, as adolescentes se sentem desamparadas por serem expulsas de casa pelos pais e também, quando o parceiro as abandona, intensificando a dificuldade de continuar os seus projetos de vida sem o apoio familiar e afetivo.

A maternidade em adolescente abrigada também foi identificada pelas educadoras como um atraso na vida dessas jovens mães bem como a perda da liberdade, visto ter agora um filho para cuidar, uma rotina para seguir, uma vida a mais para se preocupar, necessitando abrir mão de algumas atividades que gostava de fazer para cuidar do filho. *Porque têm algumas que até conseguem "ganhar" a consciência depois que tem filho, mas pra maioria é atrasar mesmo...a vida delas não consegue mais andar depois que elas têm esse filho na adolescência ... elas não conseguem mais conciliar estudo* (Entrevistada 6).

A gravidez precoce e não planejada pode acarretar um aumento de tensão na área psíquica, emocional e social para o desenvolvimento da adolescente, contribuindo para modificações no seu plano de vida futura, assim como, na perpetuação do ciclo de pobreza, educação precária, falta de perspectiva de vida e emprego. E também, a instabilidade econômica contribui para a evasão escolar, baixa

escolaridade e dificuldade de inserção no mercado de trabalho, assim como, compromete o estado de saúde da gestante e seu filho, principalmente na ausência do suporte da família⁽¹⁶⁾.

Categoria 2 - Ações dos profissionais de abrigo

As profissionais do abrigo demonstram sensibilidade com o contexto social destas jovens mães e acabam por assumir a posição e/ou desempenham o papel da própria família destas adolescentes, exercendo um papel de apoio social. O efeito protetor que o apoio social oferece está relacionado ao desenvolvimento da capacidade de enfrentamento de adversidades, promovendo características de resiliência e desenvolvimento adaptativo⁽¹⁷⁾.

Inclui-se, também, que uma das responsabilidades dos educadores é resgatar os vínculos familiares, apesar de na prática esse trabalho tornar-se difícil devido ao rompimento dos laços das adolescentes e sua família. Outras ações desenvolvidas por estas educadoras, conforme se observou na maioria das entrevistas, dizem respeito aos cuidados com a maternidade, englobando os cuidados diários com a criança e o estímulo do vínculo afetivo da mãe adolescente e seu filho. *Na minha primeira concepção vem assim... eu tenho que mostrar pra ela (adolescente abrigada) que ser mãe também é bom, ser mãe é bonito, que ela pode dar amor pra esse filho. É o seu neném, é o seu amor, é seu filhinho, daqui a um tempinho ele não vai chorar tanto, ele vai fazer você sorrir, vai te amar, porque ele te ama muito. Porque na realidade aqui o papel da educadora é chamar a maternidade dela* (Entrevistada 2).

A atividade voltada para o estímulo do vínculo mãe e filho é de extrema importância para evitar que ocorra com a criança as mesmas situações vivenciadas pelas adolescentes na sua infância, como a ausência da figura materna, violência intrafamiliar e abandono dos pais. Na maioria das vezes, as adolescentes não reconhecem a possibilidade de construção de um vínculo afetivo com seus filhos, devido sua história de vida com laços familiares esgarçados ou fragilizados. Essa configuração social marcada pelo abandono e violência

intrafamiliar, propicia uma reprodução pela adolescente das situações vivenciada durante sua infância⁽¹⁰⁾.

Outro estudo⁽¹⁸⁾ aponta que o estímulo ao vínculo mãe e filho possibilita a adolescente uma oportunidade de reestruturação da sua vida em torno das necessidades dos seus filhos; a percepção pelas jovens de uma realização pessoal pautada na maternidade e o reconhecimento pelos filhos da maternidade exercida pelas adolescentes. A partir disso, estabelece-se uma nova realidade apoiada no desejo de construir um futuro melhor e na criação de um afeto genuíno entre a adolescente e seu filho.

Destacam, também, um cuidado diferenciado às adolescentes abrigadas gestantes, desenvolvendo um cuidado mais atencioso para estas devido à gestação, acompanhando-as no pré-natal, distribuindo atividades diárias a serem realizadas pelas adolescentes no interior do abrigo, visando diminuir o esforço físico e também realizam atividades que incentivam a autonomia e independência dessas novas mães. *O cuidado quando ela está grávida ou tem filho é diferenciado, daquela que não tem, mas a gente fica mais preocupada com a gestação; como ela está; se o bebê está "caminhando" legal; se faz os exames tudo direitinho e tem a preocupação dos filhos. Assim... tem criança pesada a gente não deixa pegar, é essa proteção que a gente dá... nos prontificamos a ajudar para não ter um sangramento... são mulheres novas, ... mantêm sempre este cuidado para não ter sangramento* (Entrevistada 3).

As profissionais desenvolvem suas atividades junto às adolescentes abrigadas procurando ofertar um cuidado mais atencioso às gestantes, tanto nos aspectos biológicos como nutricionais, pois temem que o excesso de peso ou de atividades físicas possa por em risco a vida da criança e da mãe.

Também reconhecem a importância de uma alimentação adequada no período gravídico/puerperal, como mostram alguns estudos em que as adolescentes têm sido consideradas grupo de risco para a ocorrência de problemas de saúde, em si mesmas e em seus conceitos, uma vez que a gravidez precoce pode prejudicar seu físico ainda imaturo e seu crescimento normal.

As profissionais apontam como estratégia de atuação com as adolescentes, o desenvolvimento de um relacionamento interpessoal harmonioso. As mesmas relatam utilizar uma abordagem acolhedora e compreensiva baseada no diálogo com estas jovens mães abrigadas. *Até mesmo quando ela volta de uma evasão, o meu momento é dar um abraço nela, porque eu não estou aqui para crucificar, eu estou aqui pra acolher, então, se eu só brigar com ela na evasão dela, ela jamais vai voltar* (Entrevistada 2). *...a única coisa que a gente pode fazer, é conversar, abrir a mente, mostrar a realidade da vida...falar, explicar que tem um mundo lá fora, que engole todo mundo...quem não tiver preparado, quem não tiver uma boa cabeça...fizeram besteira quando eram de menor, eu falo pra elas, hoje vocês vão sair daqui, vocês vão ser de maior, se for fazer besteira de novo, vai parar numa delegacia, vai perder a guarda dos filhos...é trabalho de conscientização mesmo* (Entrevistada 6).

Esta estratégia de acolher as adolescentes quando se encontram abrigadas é importante porque desenvolve uma relação de ajuda entre o profissional e as adolescentes, amparando-as, transmitindo receptividade e interesse, de modo que elas se sintam valorizadas⁽¹⁹⁾, atuando de forma a auxiliar estas jovens mães na sua capacidade de avaliar, transformar a realidade em que se encontram e compreender sua situação social e de sua maternidade.

As profissionais do abrigo também desempenham um papel voltado para a reinserção social e promoção da saúde da adolescente abrigada. Basicamente, enfatizam a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, múltiplas gravidezes, conscientização para não uso de drogas. Trabalham a auto-estima destas jovens mães, incentivando a profissionalização e entrada no mercado de trabalho. Ao abordarem tais temáticas, consideram suas limitações, a realidade da vida fora do abrigo, demonstrando uma condição social diferente, com diversas perspectivas de vida e despertando o interesse nas adolescentes abrigadas em participar deste mundo. *Vamos pensar, vamos raciocinar, vamos melhorar de vida...vamos dar uma vida melhor pra essa criança que não tem nada a haver com isso. A gente passa isso pra elas o tempo todo* (Entrevistada 6). *Mas a gente tenta quebrar esse gelo,*

tenta mostrar os caminhos que é por aí, não é assim, a gente tem dignidade sim, mas basta à gente querer e conseguir a nossa dignidade e voltar pra nossa comunidade, seja ela pra onde for, onde mora, acho que é dessa forma (Entrevistada 3).

Quando o profissional propõe mostrar à adolescente outra forma de inserção na sociedade, está concedendo uma oportunidade para que ela compreenda e transforme sua realidade⁽²⁰⁾. Apesar das limitações que esta jovem mãe vivencia, é necessário estimulá-la a perceber sua realidade e transformá-la, dando um novo rumo a sua vida com vistas à independência. Cabe ao profissional sensibilizado e capacitado, motivar as adolescentes para essa autonomia e transformação da realidade vivida.

O que se destaca no trabalho destes profissionais é que não há um modelo pré-concebido da atuação deles, e sim, a utilização de estratégias pessoais estabelecidas no momento em que a dificuldade ou adversidade surgem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aponta que os abrigos constituídos por seus educadores e adolescentes assumem uma referência que traduz o significado de um lar para a adolescente abrigada em processo de maternidade, representando o grupo familiar destas jovens mães.

Quanto à atuação profissional no acompanhamento destas adolescentes abrigadas, as participantes estimulam o desenvolvimento de relações interpessoais, demonstram para estas mães a necessidade do exercício da disciplina, de resgate ou aquisição de valores, do estabelecimento de vínculos, principalmente com o filho, além dos cuidados com a saúde e com a inserção no mercado de trabalho destas jovens mães.

Contudo, é necessário investimento na capacitação e instrumentalização dessas profissionais no sentido de potencializar sua habilidade como educadores, facilitadores do processo de ressignificação

do valor da vida, do fortalecimento da autoestima e de auxiliar na maternidade deste grupo.

Percebemos que o grupo familiar constituído pelos membros do abrigo (educadores e adolescentes) contribui na formação do vínculo da mãe adolescente abrigada e seu filho. Ao assumirem o papel da família, orientando as novas mães abrigadas no cuidado com seu filho e estimulando a interação, esses profissionais acolhem, favorecem o afloramento da sensação de segurança e surgimento de novos valores de vida.

Nesse sentido, a realização de ações educativas de maneira lúdica, dinâmicas de grupo, dramatizações, atividades festivas temáticas (temas educacionais e de saúde) construídas juntamente com elas, são estratégias de cuidar que mobilizam essa população de adolescentes e valorizam sua potencialidade. A participação de profissionais de saúde, em particular a enfermeira, nesses espaços contribui na promoção da saúde *in loco*, e estabelece a conquista de seus direitos à educação e saúde.

A prática de um cuidado baseado na educação e problematização possibilitam o amadurecimento destas adolescentes e uma reflexão sobre a maternidade. Em conjunto, profissionais e adolescentes, encontrarão possíveis soluções para os problemas vivenciados decorrentes do contexto social. O diálogo e a compreensão associado à atuação dos profissionais do abrigo com as adolescentes são fatores preponderantes para o desenvolvimento do sentimento materno destas jovens mães, e para adquirirem a capacidade de superar as adversidades presentes e futuras, principalmente, quando elas estiverem fora do abrigo.

É necessário que as ações desenvolvidas nas instituições de abrigamento compreendam o comportamento das adolescentes em seu processo de sobrevivência, seus mecanismos de enfrentamento diante das situações adversas. A partir disso, as ações de cuidado devem ser estabelecidas em conjunto com as adolescentes abrigadas visando alcançar a conquista de sua inserção social e de cidadania.

REFERÊNCIAS

1. Davim RMB, Germano RM, Menezes RMV, Carlos DJD. Adolescente/adolescência: revisão teórica sobre uma fase crítica da vida. *Rev Rene*. 2009; 10(2):131-40.
2. Kelly PJ, Grajcer B, Rigatto FD. Children living on the street. *Online Braz J Nurs* [periódico na Internet]. 2003 [cited 22 feb 2011]; 2(2). Available from: <http://www.uff.br/nepae/objn202kellyetal.htm>
3. Graciani MSS. Pedagogia social de rua: análise e sistematização de uma experiência vivida. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire; 1997.
4. Gontijo DT, Medeiros M. Significados da maternidade e paternidade para adolescentes em processo de vulnerabilidade e desfiliação social. *Rev. Eletr. Enferm.* [periódico na internet]. 2010; [citado 2010 dez 01] 12(4): 607-15. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v12/n4/v12n4a03.htm>.
5. Castro CR. Meninas de rua e gravidez: um ideal de valorização social. *Educ Cult Contemp*. 2004; 1(2):157-65.
6. Medeiros M, Ferriani MGC, Munari DB, Gomes R. A sexualidade para o adolescente em situação de rua em Goiânia. *Rev Latino-am Enferm*. 2001; 9(2):35-41.
7. Melo EM, Faria HP, Melo MAM, Chaves AB, Machado GP. Projeto meninos do Rio: mundo da vida, adolescência e riscos de saúde. *Cad Saúde Pública*. 2005; 21(1):39-48.
8. Silveira ALSS, Blay SL. Mães adolescentes em situação de rua: uma revisão sistemática da literatura. *Rev Psiquiatr Rio Gd Sul*. 2010; 32(1):3-15.
9. Oliveira RC. Adolescência, gravidez e maternidade: a percepção de si e a relação com o trabalho. *Saúde Soc*. 2008; 17(4):93-102.
10. Carinhanha JI. Violência vivenciada pelas adolescentes em situação de rua: bases para o cuidado de enfermagem pela cidadania [dissertação]. Rio de Janeiro (RJ): Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 2009.
11. Salina-Brandão A, Williams LCAL. O abrigo como fator de risco ou proteção: avaliação institucional e

- indicadores de qualidade. *Psicol Reflex Crit.* 2009; 22(3):334-52.
12. Minayo MCS, organizadora. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade.* 8ª ed. Petrópolis: Vozes; 1998.
13. Bardin L. *Análise de conteúdo.* Lisboa: Edições 70; 2000.
14. Penna LHG, Carinhanha JI, Leite LC. A prática educativa de profissionais cuidadores em abrigos: enfrentando a violência vivida por mulheres adolescentes. *Rev Latino-am. Enferm.* 2009; 17(6):981-7.
15. Almeida MCC, Aquino EML, Barros AP. School trajectory and teenage pregnancy in three Brazilian state capitals. *Cad Saúde Pública.* 2006; 22(7):1397-409.
16. Paraguassu ALCB, Costa MCO, Nascimento Sobrinho CL, Patel BN, Freitas JT, Araújo FPO. Situação sociodemográfica e de saúde reprodutiva pré e pós-gestacional de adolescentes, Feira de Santana, Bahia, Brasil. *Ciênc Saúde Coletiva.* 2005; 10(2):373-80.
17. Brito R, Koller SH. Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. In: Carvalho A, editor. *O mundo social da criança: natureza e cultura em ação.* São Paulo (SP): Casa do Psicólogo; 1999. p. 115-29.
18. Gontijo DT, Medeiros M. Tava morta e revivi: significado de maternidade para adolescentes com experiência de vida nas ruas. *Cad Saúde Pública.* 2008; 24(2):469-72.
19. Camelo SHH, Angerami ELS, Silva EM, Mishima SM. Acolhimento à clientela: estudo em unidades básicas de saúde no município de Ribeirão Preto. *Rev Latino-am. Enferm.* 2000; 8(4):30-7.
20. Penna LHG, Carinhanha JI, Rodrigues RF. Violência vivenciada pelas adolescentes em situação de rua na ótica dos profissionais cuidadores do abrigo. *Rev. Eletr. Enferm [periódico na internet].* 2010; [citado 2010 Dez 01]; 12(2):301-7. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v12/n2/v12n2a11.htm>

Recebido: 31/05/2011

Aceito: 30/10/2011